

## **A Divulgação da Repressão e da Tortura do Regime Militar Brasileiro de 1964 na Imprensa dos Estados Unidos**

Lorena Burjack da Silveira

Essa comunicação é parte de um projeto de mestrado, que vem sendo desenvolvido na Universidade Federal de Goiás, no qual se pretende realizar uma pesquisa acerca das trajetórias dos exilados brasileiros do regime militar de 1964 que escolheram os Estados Unidos da América como destino. A idéia desse projeto surgiu a partir de duas vertentes de leitura. Uma baseia-se nos estudos que foram realizados para a escrita de minha monografia de graduação<sup>1</sup>, que concernem no suporte oferecido pelos EUA ao golpe militar, a política externa de Jânio Quadros, João Goulart e dos presidentes militares e por fim a campanha na imprensa empreendida pelo brasilianista ítalo-americano Ralph Della Cava, no sentido de divulgar na imprensa dos Estados Unidos as torturas que estavam sendo praticadas em presos políticos pelos militares no Brasil e o apoio que setores do governo norte-americano ofereciam a esse tipo de prática.

A segunda vertente de leitura se refere a obra, *Exílio: entre raízes e radares*, de Denise Rollemberg, na qual a autora realiza uma pesquisa abrangente sobre o exílio durante o regime militar. Seu trabalho compreende o período que vai desde o ano do golpe até 1979. Rollemberg estabelece uma periodização para o exílio, dividindo-o em duas gerações e três fases. A primeira fase corresponde ao período que os exilados conseguiram permanecer na América Latina, principalmente em países como Uruguai, Chile e Cuba. A segunda se inicia com a queda do governo de Allende e a dispersão dos exilados por diversos países, principalmente europeus. A terceira fase é marcada pela decisão tomada por alguns exilados viver em países africanos recém independentes.

A primeira geração era formada pelos brasileiros que seguiram para o exílio logo em 1964 e a segunda era composta pelos indivíduos que tiveram que deixar o Brasil depois de 1968. Segundo Rollemberg, grupo de 1964 era formado por políticos mais experientes atuantes desde o Estado Novo, por políticos mais jovens, por intelectuais e sindicalistas. Eram, em geral, defensores das Reformas de Base. Montevideu foi o principal local de concentração dessa geração. Já o grupo de 1968 era composto por indivíduos mais jovens, usualmente estudantes envolvidos com os movimentos de luta armada, greves, passeatas e seqüestros de diplomatas.

---

<sup>1</sup> Intitulada: Os Desdobramentos do Golpe de 1964 no Brasil Divulgados pela Imprensa Internacional. Apresentado à banca examinadora em sete de dezembro de 2005, na Universidade Federal de Goiás. Orientada pela Professora Dr.ª Libertad Borges Bittencourt.

O país de exílio que concentrou essa segunda geração foi o Chile de Allende, onde os desterrados foram bem acolhidos. Após o golpe militar que instaurou o governo de Pinochet, os exilados brasileiros, juntamente com os chilenos perseguidos, tiveram que buscar refúgio em países mais distantes, já que os demais países latino americanos não aceitaram recebê-los. O continente europeu foi o destino seguinte e a França o país que mais recebeu exilados. Entretanto, é importante ressaltar que outros países, como a Suécia, Rússia, Alemanha, Itália, Portugal, Grã-Bretanha, Estados Unidos, entre outros, também ofereceram asilo.

O fato de existirem indivíduos brasileiros que buscaram ou estiveram nos Estados Unidos foi motivo de inquietação e questionamentos Quem seriam essas pessoas? Porque escolheram os Estados Unidos como local de exílio? Quais atividades desenvolveram durante o período de desterro? Os brasileiros que se exilaram nos EUA eram predominantemente intelectuais? Como foi a adaptação a sociedade norte-americana? Partindo da premissa que os exilados eram pessoas indesejáveis pelos militares, como foram recebidos pela potência que ofereceu suporte bélico e logístico apoio ao golpe de 1964?

Será discutido especificamente nessa comunicação a formação de uma rede de contatos nos Estados Unidos formada por exilados brasileiros, intelectuais e religiosos norte americanos. O objetivo dessa articulação era denunciar na imprensa norte-americana, as arbitrariedades cometidas pelo regime militar brasileiro. Segundo Rollemberg, *“o exílio é fruto da negação, da dominação, da anulação, da intolerância. Em si, guarda um valor negativo”* (1999, p. 24). Dessa forma, a importância de uma pesquisa acerca das atividades dos exilados se mostra no sentido de que apesar das tentativas dos militares de anular e excluir indivíduos “indesejáveis”, muitos exilados se organizaram para denunciar as ações do regime militar, ou seja, continuaram se comportando como sujeitos ativos e que continuaram buscando a transformação de sua sociedade, mesmo de longe.

Jorge Castañeda (1994) analisa a importância do papel desenvolvido por alguns membros da sociedade civil na contestação do caráter repressivo do regime militar, através das denúncias sobre a violação dos direitos humanos no exterior. Referindo-se a esse grupo como intelectuais de esquerda e afirmando que era formado por jornalistas, advogados, artistas, professores com trabalhos reconhecidos mundialmente. Esses intelectuais tiveram importância não só no Brasil, mas também nos outros países latino-americanos que tiveram seus governos democráticos substituídos por ditaduras militares. Como exemplo Castañeda cita Gabriel Garcia Marques, Carlos Fuentes, Julio Cortázar, Pablo Neruda, Eduardo Galeano, Diego Rivera e Chico Buarque. Sobre a importância desses intelectuais Castañeda afirma que:

As explicações adicionais do impacto da intelectualidade de esquerda no combate, pela democratização consistem, em boa medida, no papel que essa esquerda desempenhou nos meios de comunicação e nos contatos da região com o resto do mundo. Em quase todos os países em que durante esse período os militares estiveram no poder, a pressão externa para conter a repressão e a tortura - e depois para obrigar as ditaduras à retirada – foi um fator decisivo para que frutificassem as transições em curso. Na Argentina, no Brasil, no Uruguai e, naturalmente, no Chile, bem como na Nicarágua nos últimos dias da dinastia de Somoza e mais tarde em El Salvador e na Guatemala, a condenação mundial aos abusos aos direitos humanos e à suspensão dos procedimentos democráticos, juntamente com sanções tácitas ou explícitas - suspensão de créditos, de venda de armas e de privilégios comerciais – tiveram enorme importância. Como os intelectuais costumavam ser os únicos latino-americanos não governamentais reconhecidos no exterior ao mesmo tempo em que eram os mais loquazes na denúncia e na publicação das atrocidades das ditaduras eles se tornaram junto com os líderes políticos exilados, os mais visíveis e eficazes defensores de democratização nas Nações Unidas, nas páginas editoriais dos jornais norte-americanos e europeus, em conferências e simpósios celebrados no continente em países onde isso ainda era possível. Os intelectuais de esquerda desempenharam papel decisivo no aumento da pressão e da ira internacional sobre os regimes autoritários responsáveis pela longa noite latino-americana (CASTAÑEDA, 1994 p.166-167).

Da mesma forma, faz-se necessário reconhecer que parte da sociedade civil norte-americana não concordava com a atitude do governo de seu país em oferecer suporte a ascensão de ditaduras militares na América Latina. Segundo James N. Green, no artigo *Clerics, exiles, academics: Opposition to the Brazilian Military dictatorship in the United States, 1969-1974*, a década de sessenta e setenta nos Estados Unidos foi um período de politização dos estudantes e de luta da sociedade civil norte-americana, principalmente no sul dos Estados Unidos, em defesa do direito dos negros e das mulheres.

Essas contestações também atingiram o campo político, uma vez que essa sociedade também questionou as limitações da democracia norte-americana e o discurso anticomunista que rotulava todas as revoluções ocorridas na América Latina ou como pró-comunista ou anticomunista. Segundo Green a partir de 1965 houve protestos contra a invasão da República Dominicana, contra a Guerra do Vietnã e críticas a política externa norte-americana. Faziam parte desses movimentos estudantes, professores universitários, missionários e voluntários norte-americanos que haviam vivido em países latino-americanos durante os golpes.

A obra *A Ditadura Escancarada* de Elio Gaspari, mais especificamente no capítulo *O Brasil difamado* revela a importância do brasilianista Ralph Della Cava para as denúncias acerca da repressão e da tortura na imprensa norte-americana. Em março de 1964, quando foi realizada a ação golpista, Della Cava estava no Brasil pesquisando documentos para sua tese de doutorado sobre a vida de padre Cícero, que mais tarde foi transformada em um livro intitulado *Milagre em Juazeiro* (Gaspari, 2002). Kenneth Serbin considera Della Cava “um

*dos mais experientes brasilianistas” e “um dos primeiros observadores do catolicismo tanto no Brasil como na Europa” (2001, p.20).*

Ralph Della Cava exerceu um papel importante na divulgação nos Estados Unidos da tortura a que eram submetidos os presos políticos brasileiros nos porões do regime militar. Segundo Gaspari em dezembro de 1969 Della Cava recebeu a visita de três exilados brasileiros, Domício Pereira, Jether Ramalho e Rubem César Fernandes, que entregaram ao professor onze documentos, os quais continham relatos de torturas praticadas pelos militares e a descrição dos assassinatos de Chael Charles Scheier, um estudante de medicina de vinte e três anos pertencente ao grupo guerrilheiro VAR-Palmare, e do padre Antônio Henrique de Souza, de vinte e oito anos que era assistente da arquidiocese para Assuntos da Juventude em Recife e assessor de Dom Helder Câmara. Esses exilados chegaram até Della Cava através de uma indicação do padre episcopal e encarregado da seção latino-americana do Conselho das Igrejas Cristãs dos Estados Unidos, William Wipfler.

Durante esse encontro com os exilados brasileiros Della Cava decidiu criar o *American Committee for Information on Brazil*, com o intuito de divulgar as torturas, assassinatos e desaparecimentos provocados pelos militares brasileiros. Gaspari afirma que Della Cava desenvolvia o seguinte papel na sociedade norte-americana na década de sessenta e setenta: “[...] A figura vivaz de Della Cava era conhecida nos meios da igreja militante em defesa dos direitos civis dos negros americanos e das manifestações contra a guerra no Vietnã. Era um hiperativo numa época de ativistas [...]” (2002, p. 271).

James N. Green menciona em seu artigo que Della Cava traduziu os relatos dos presos políticos brasileiros que haviam sido contrabandeados das prisões por meio das visitas de familiares e de padres. Segundo Wipfler esses relatos foram escritos em pedaços de papéis tão pequenos, sujos e amassados que a tradução se tornava difícil, sendo necessário até a utilização de uma lupa para a leitura de alguns deles. Ademais, nesse mesmo artigo é possível encontrar referências de Della Cava sobre as dificuldades iniciais para se divulgar as denúncias de tortura em jornais da grande alcance como o New York Times.

A alternativa encontrada por Della Cava e seus companheiros foi publicar, simultaneamente, uma série de artigos em revistas católicas e progressistas, como a *Commonweal*, *The Christian Century*, *The Nation*, *The Progressive*, entre outros. De acordo com o que Green afirma em seu artigo, após essa estratégia outros periódicos de maior peso na mídia, como *Newsweek*, *Time* e *Look*, começaram a publicar reportagens sobre a tortura e repressão praticadas pelo regime militar no Brasil.

Carlos Fico no primeiro capítulo de *Além do Golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar*, combate o preconceito existente em torno dos brasilianistas e suas obras, assim como afirma que alguns brasilianistas foram realmente um dos primeiros interessados em estudar o regime militar no Brasil, principalmente o período conhecido como o “milagre brasileiro”. Além disso, o autor ressalta a importância do apoio oferecido pelos brasilianistas aos exilados brasileiros nos Estados Unidos:

O preconceito político contra os *brazilianists* mostrar-se-ia bastante injusto. Ao contrário de colaboracionismo com o serviço secreto norte-americano (acusações desse tipo não eram incomuns na época), vários desses estudiosos, como o próprio Thomas Skidmore, participaram, nos Estados Unidos, de manifestações de condenação à ditadura militar, além de apoiarem brasileiros refugiados naquele país, e o fizeram de maneira bastante discreta, sem reclamar gratidão (Fico, 2004 p.30).

Green menciona outros intelectuais norte americanos proeminentes que também se manifestaram contra as arbitrariedades que estavam sendo cometidas pelos militares brasileiros. Entre eles estavam Charles Wagley (professor de antropologia da Universidade de Columbia), Richard Morse (Yale), Stanley Stein (Princeton). Ralph Albernathy e Andrew Young, representantes do legado de Martin Luther King, também ofereceram um apoio importante. Além disso, importantes líderes religiosos norte americanos, tanto católicos quanto protestantes, se pronunciaram contra a repressão no Brasil.

Inclusive Lincoln Gordon, embaixador norte americano no Brasil que na época do golpe possuía uma relação próxima com Castelo Branco, que atuou de forma ativa na concessão tanto do suporte logístico (Operação Brother Sam) quanto financeiro aos militares e fez vista grossa para a repressão durante o governo Castelo Branco (FICO 2008), não só se pronunciou contra a aposentadoria compulsória de professores universitários brasileiros, como reuniu cerca de trezentas assinaturas para o protesto dos intelectuais contra esse acontecimento. A atitude de Gordon chamou a atenção até mesmo do *New York Times*, que acabou publicando uma reportagem sobre o novo posicionamento do diplomata.

Além do *American Committee for Information on Brazil* foram criados outros grupos que se dedicavam em divulgar na imprensa dos EUA as violações dos direitos humanos praticadas pelo regime militar no Brasil, além de promover estudos acerca de questões políticas, sociais e econômicas brasileiras. Como exemplo, pode-se mencionar o *North American Congress on Latin American* (NACLA), que foi fundado em 1967. Segundo Green o NACLA possuía uma composição bastante heterogênea, formada por estudantes, exilados latino americanos, jovens professores universitários, católicos esquerdistas, voluntários que haviam participado do *Peace Corps*, e ativistas do movimento pela paz.

Essa composição diversa se refletia nas múltiplas concepções de seus componentes acerca do caminho que a América Latina deveria tomar para se libertar dos regimes ditatoriais. Uns defendiam a não violência outros acreditavam que o melhor caminho seria a luta armada, entre outras posições. Green menciona a participação de dois brasileiros em eventos do NACLA. O primeiro seria Paulo Singer, sociólogo brasileiro que fora aposentado compulsoriamente da Universidade de São Paulo, que participou de uma reunião do NACLA em onze de fevereiro de 1967 e falou sobre a importância do desenvolvimento de estudos acerca de uma teoria geral do imperialismo. O outro brasileiro foi D. Helder Câmara que proferiu uma palestra para os componentes do NACLA.

Green afirma que o NACLA estimulou, entre seu grupo, a realização de pesquisas sobre a América Latina. Seu periódico, o *NACLA Newsletter*, foi uma publicação que se tornou relevante, uma vez que publicava artigos detalhados sobre temas como a atuação das multinacionais dos Estados Unidos na América Latina e a ajuda militar enviada aos países dessa região.

Outro grupo que também se dedicava a divulgação da repressão nos Estados Unidos eram os *American Friends of Brazil*. Esse grupo foi organizado na Universidade de Berkeley, na Califórnia. Os Amigos Americanos do Brasil eram editores do *Brazilian Information Bulletin*, um periódico financiado por importantes especialistas norte-americanos em assuntos brasileiros e que, segundo Green, começou a ser publicado em fevereiro de 1971. Essa organização se apresentava da seguinte forma em seu periódico:

“Os Amigos Americanos do Brasil é uma organização independente sem fins lucrativos, sua principal atividade é publicar o *Brazilian Information Bulletin* quatro vezes por ano. O principal objetivo desse periódico é documentar e disseminar informações sobre: (1) a repressão no Brasil, (2) o papel dos Estados Unidos no suporte à repressão, (3) a luta dentro e fora do Brasil contra a repressão, (4) o papel desenvolvido pelo Brasil na América Latina como um poder sub-imperial, (5) o então chamado “milagre econômico” ( *Brazilian Information Bulletin*, 1974 n° 14).

Green menciona que essa publicação era enviada para bibliotecas de universidades, jornalistas especializados em abordar questões sobre o Brasil e sobre a América Latina e à assinantes. Os *American Friends of Brazil* era composto por estudantes brasileiros, indivíduos que haviam participado dos *Peace Corps* e exilados políticos. Como exemplo de um exilado brasileiro que participou desse grupo pode-se mencionar Anivaldo Padilha, líder de jovens da igreja metodista e que havia sido preso e torturado em 1970. O autor também ressalta a existência da colaboração entre os *American Friends of Brazil* e o NACLA, após a mudança

de alguns membros desse último grupo, originários da região de Washington, para Berkeley. Entretanto, Green não menciona detalhes acerca dessa colaboração.

Outro grupo mencionado por Green é o *Committee Against Repression on Brazil* (CARIB), do qual fazia parte o geólogo brasileiro e ativista político Marcos Arruda, que esteve preso e foi torturado em 1970. A situação de Arruda foi denunciada pela Anistia Internacional e pelo *Washington Post* o que fez com que seu caso se tornasse um dos mais divulgados na imprensa internacional. Sua libertação da prisão foi conseguida devido ao fato de membros de sua família possuírem contatos com militares de alta patente e devido a divulgação de sua situação pela Anistia Internacional. De acordo com Green tanto o CARIB quanto os *American Friends of Brazil* ajudaram outros grupos que se dedicavam a divulgação da repressão no Brasil com informações e direcionamento político. Além de organizar debates em sindicatos, universidades e igrejas.

Green menciona, no início de seu artigo, que a ação golpista no Brasil em 1964 não teve uma grande repercussão nos Estados Unidos. Não houveram protestos e a imprensa na maioria das vezes, acabou publicando reportagens que defendiam a ação dos militares e distorciam o governo Goulart. Segundo o autor, o *New York Times* e o *Washington Post* foram os jornais que mais tiveram a preocupação em publicar reportagens menos unilaterais, isso que devia, em parte, à maior quantidade de jornalistas que esses jornais possuíam. Outro ponto importante, é o fato de os funcionários norte americanos terem exercido controle sobre quais notícias acerca do regime militar no Brasil poderiam ser publicadas na imprensa dos EUA. Dessa forma, foi somente a partir do final da década de sessenta que houve a uma divulgação mais ampla das atrocidades que os militares estavam praticando no Brasil. Essas denúncias preocuparam tanto o governo norte-americano que não queria se ver acusado de oferecer suporte a regimes que violavam os direitos humanos, quanto o governo militar brasileiro que não queria ver seus crimes expostos e a imagem do Brasil denegrida no exterior. Uma vez que havia todo um esforço para se vender, no exterior, a imagem do Brasil como um país de grandes potencialidades e riquezas. Enfim, na concepção dos militares a próxima potência mundial. Para os militares essas denúncias eram obra de comunistas infiltrados na imprensa internacional.

**Bibliografia:**

CASTAÑEDA, Jorge G. *Utopia Desarmada: Intrigas, Dilemas e Promessas da Esquerda Latino-Americana*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CRUZ, Denise Rollemberg. *Exílio: entre raízes e radares*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

FICO, Carlos. *Além do Golpe: Versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

\_\_\_\_\_. *O Grande Irmão: da operação brother sam aos anos de chumbo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2008.

GASPARI, Elio. *A Ditadura Escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GREEN, James N. Clerics, exiles, and academics: Opposition to the Brazilian Military dictatorship in the United States, 1969-1974. In: *Latin American Politics and Society*. Spring, 2003.

SERBIN, Kenneth P. *Diálogos na Sombra: Bispos e Militares, Tortura e Justiça Social na Ditadura*. Tradução de Carlos Eduardo Lins da Silva. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

**Fonte:**

Brazilian Information Bulletin. n° 14. Berkeley, Summer 1974.